



Evolução da habitação colectiva no início do séc. XX: um olhar sobre o Prédio de rendimento de Mendonça & Costa, projectado por Ernesto Korrodi

Mónica Romãozinho



Doutorada em Design
Docente do Curso de Design
de Interiores e Equipamento
da ESART-IPCIB

Introdução

No início do século XX assiste-se, de um modo geral, ao prolongamento do eclectismo que, a partir de então, teria que dar resposta a novas necessidades e aspirações. O programa funcional mas também simbólico, dependia do perfil do cliente.¹ As preocupações higienistas e respeitantes à salubridade das habitações são matérias particularmente debatidas. A revista *Construção Moderna?* (1900-1919) publicaria um resumo dos trabalhos discutidos no *XIV.º Congresso Internacional de higiene e demographia*. Um dos oradores, o professor Nussbaum, de Hanover, considerava essencial prevenir as seguintes divisões: uma “casa” para permanência habitual, uma cozinha-sala de jantar e um quarto de dormir, atribuindo-se a cada uma delas entre 15 a 22 m² de área assim como uma latrina, uma varanda, alguns armários e uma despensa.² Relativamente à circulação do ar, luz e isolamento, aconselhava o seguinte: “A altura das casas não deve ser muito elevada para facilitar o aquecimento. (...) As dimensões das janelas devem dar ensejo à penetração do ar e da luz, mas não demasiado grandes (aquecimento, resfriamento). Os materiais de construção para as paredes da casa devem estar garantidos contra a humidade do solo e a chuva fugigada (...), solhos tanto quanto possível devem ser impermeáveis”. Por fim aconselhava-se a exigir nas habitações municipais instalações para canalização de águas potáveis e esgoto das águas caseir sistema hidráulico para as latrinas, condutas para o gás da cozinha e de iluminação ou para a corrente eléctrica, “fogões de combate lento ou fornos de cozinha tão perfeitamente dispostos quanto possível, adaptados ao combustível barato de que se dispozer”;³ crescimento da habitação colectiva conduziu à formulação de regulamentação adequada e exemplo disso seria a *Legislação Construções*, publicada pela mesma revista em 1906. Impunha-se pés-direitos mínimos: para o rés-do-chão e primeiro andar, 3,25m; para o segundo andar, 3m; para o terceiro andar, 2,85m para o quarto e quinto andares, 2,75m.⁴ As escadas deveriam permitir uma subida pouco fatigante e a sua iluminação e fãci ventilação também devia ser acautelada: “A caixa de escadas deve ter no seu eixo um espaço vazio, por onde desça a luz e suba para sair pelos ventiladores que deve haver nas clara-boias”.⁵ Nas dependências, as janelas deviam ser amplas, correspondendo pelo menos a um décimo da superfície da sua área, devendo apresentar no mínimo 0,28 no caso dos quartos de dormir.⁶ Relativamente ao saguão que garantia a iluminação sobretudo das divisões de serviço, exigia-se que tivesse pelo menos 30m² com largura mínima de 5m no caso de edifícios de altu

inferior a 18m e 40m² de área com largura mínima de 5m quando a altura dos edifícios excedesse os 18m.⁹ Sempre que se destinavam a iluminar e ventilar cozinhas teriam pelo menos 4m², regra que se aplicava igualmente a vestiúulos, antecámaras ou escadas.¹⁰ Relativamente ao escoamento de águas, os tubos de queda das águas pluviais deveriam ser sempre separados dos que se destinam aos despejos e águas sujas. Os tubos de queda dos despejos caseiros deviam ser de preferência de grés cerâmico vidrado, por dentro e por fora, podendo também ser de ferro fundido, sendo admissível o chumbo ou outro material impermeável no caso dos que escoavam as águas pluviais e dos urinóis.¹¹ Exigia-se também que as pias fossem colocadas nas paredes exteriores e, sempre que possível, próximas de uma janela, devendo ser de grés cerâmico vidrado ou de calcário, feitas de uma só peça e integrando no fundo um orifício ligado ao tubo de queda por um sifão.¹² A higienização progressiva da habitação evidenciava-se mais à frente: “Em cada domicílio deve haver pelo menos uma latrina e uma pia de despejo, independentes uma da outra”.¹³ A latrina podia ser colocada em espaço contíguo

Notas

- 1 O assunto e a ocasião determinavam o estilo”. Rio-*Carvalho*, 1974, p.251.
- 2 A direcção técnica da revista *A Construção Moderna* era formada pelo engenheiro civil José Maria de Mello de Matos (1856-1915) e pelo arquitecto Rozendo Carvalheira (1863-1919).
- 3 (20 Janeiro 1908). “XIV.º Congresso internacional de hygiene e demographia.” *A Construção Moderna*, Anno VIII (n.º 247), p.148.
- 4 *Ibidem*.
- 5 *Ibidem*.
- 6 (10 Outubro 1906). Regulamento de Salubridade das edificações urbanas. *A Construção Moderna*, Anno VII, (n.º201), p.67.
- 7 *Ibidem*.
- 8 *Ibidem*.
- 9 *Ibidem*, p.72.
- 10 (20 Outubro 1906). “Regulamento de Salubridade das edificações urbanas.” *A Construção Moderna*, Anno VII (n.º202), p.72.
- 11 (1 Novembro 1906). “Regulamento de Salubridade das edificações urbanas.” *A Construção Moderna*, Anno VII (n.º203), p.82.
- 12 (10 Novembro 1906). “Regulamento de Salubridade das edificações urbanas.” *A Construção Moderna*, Anno VII (n.º204), p.91.
- 13 *Ibidem*, p.90.
- 14 *Ibidem*.
- 15 *Ibidem*.
- 16 Roux, 1976, p.233.

pelo Governo. Ernesto Korrodi (1870-1944), arquitecto suíço, seria colocado em 1889 na Escola Industrial de Braga, e em 1894 na Escola Domingos Sequeira, em Leiria, onde foi professor de disciplina de Desenho Ornamental e Modelação.¹⁷ Esta fixação em Leiria permitiu-lhe desenvolver estudos arqueológicos em torno do mosteiro de Alcobaça e das ruínas do Castelo de Leiria acabando por vir a ser responsável pela reconstrução deste último.¹⁸ A sua atitude é paradoxalmente ecléctica e moderna repercutindo-se, por um lado, na reinterpretação de soluções referenciadas no período medieval ou clássico e, por outro, no recurso a fórmulas provenientes dos movimentos Arts and

Crafts ou Proto-Arte Nova¹⁹, Arte Nova e Secession vienense. A semelhança de Raul Lino, foi influenciado pelos modelos

na Escola de Leiria. Ver: [https://www.intervencionem.com/pt/leiria/](#)

17 Em 1905, Korrodi foi nomeado director interino da Escola Domingos Sequeira e, em 1906, assumiu a direcção efectiva da escola, cargo que exerceu até 1917. Oliveira, 2005, p.50.

18 Em 1898, publicou a obra *Estudos de Reconstrução sobre o Castelo de Leiria: Reconstrução gráfica de um notável exemplo de construção civil e militar portuguesa* (Zurique: Instituto Polygraphico, 1898), graças aos quais lhe seria atribuído, sob a proposta do Ministro e Secretário de Estado das Obras

Públicas, Comércio e Indústria, o título de "Comendador da Real Ordem do Mérito civil". Oliveira, 2005, p.57.

19 Madsen defende que a Arte Nova apareceu em Inglaterra e atribui-lhe a designação de *Proto-Art Nouveau*. Madsen, 1967, p.14.

20 Raul Lino e Ernesto Korrodi cruzam-se em 1926 no dia em que ser-lhes-ia atribuído o título de arquitecto, na sequência da saída de um decreto de lei (1925) que determinava que ninguém podia usar a designação de arquitecto sem ter o diploma oficial de uma das Escolas de Belas-Artes do país. E será Raul Lino, como presidente da Academia das Belas-Artes que elaborará o discurso póstumo quando Korrodi morre, publicado na *Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. N.º 13 (1944).

21 Destacam-se outras encomendas para a cidade de Lisboa, designadamente os prédios de rendimento de João Leal & Irmãos que ocupam uma frente e gaveto formado pela rua Saraiva de Carvalho e Rua Ferreira Borges e que seriam projectados entre 1902 e 1908.

Imagem 1
fachada do prédio da Rua Braamcamp. José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC
Imagem 2. (Em zoom) Pormenor da fachada



O Prédio de rendimento de Mendonça & Costa
O prédio de Mendonça & Costa, localizado na Rua Braamcamp e projectado em 1914 (imagem 1), aponta não só a adesão a movimentos internacionais mas um nível de preocupações mais abrangentes. Na fachada observa-se uma sistematização das cantarias e respectivos ornamentos (imagem 2), certamente executados na oficina de cantaria de Korrodi, localizada junto à sua casa, *Villa Hortência*.²² O átrio subdivide-se em duas zonas: a de chegada e a de acesso ao elevador (imagem 3).

Grandes placas de lioz cobrem as paredes, rematadas por um friso superior e por um rodapé em mármore negro, material escolhido para o pavimento onde surge alternado com a

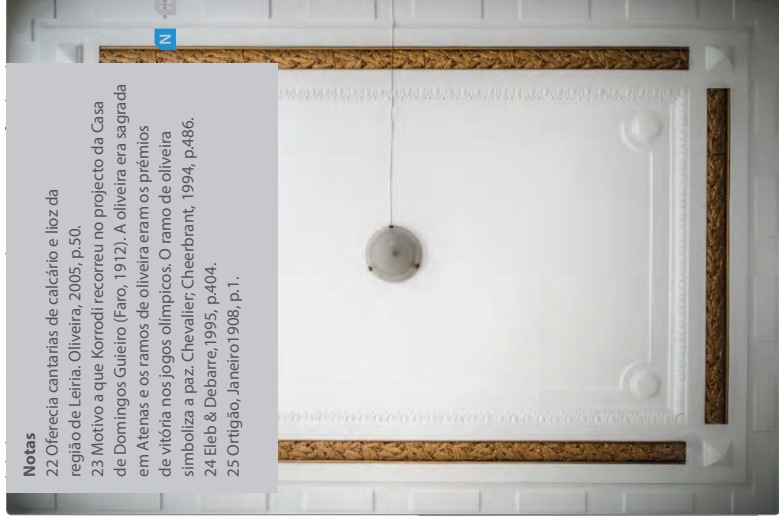
Notas

22 Oferecia cantarias de calcário e lioz da região de Leiria. Oliveira, 2005, p.50.

23 Motivo a que Korrodi recorreu no projecto da Casa de Domingos Guieiro. (Faro, 1912). A oliveira era sagrada em Atenas e os ramos de oliveira eram os prémios de vitória nos jogos olímpicos. O ramo de oliveira simboliza a paz. Chevallier; Cheeibrant, 1994, p.486.

24 Eleb & Debarre, 1995, p.404.

25 Ortigão, Janeiro 1908, p. 1.



O tecto estucado e pintado de branco, apresenta uma sucessão de molduras executadas em estuque, destacando-se duas delas: uma composta por azeitonas e folhas de oliveira²³, outra de desenho clássico, formada por óvulos e dardos (Imagens 5 e 5A). O elevador de origem, da marca *Waygood & Ottis* (Imagem 6), integrava painéis almofadados e um espelho. A cobertura abobadada permitia a iluminação natural, complementada pela luz emitida por um candeeiro de ferro fundido com tulpas de pasta de cristal (Imagens 7 e 7A). O ar mais puro associado a uma maior altitude, a luz e insolação são exaltados pelos trabalhos sobre higiene e, por sua vez, o ascensor vem eliminar a fastidiosa subida pelas escadas e habitar



tecto estucado. No caso apresentado, este centra-se em motivos dispostos de modo orgânico, embora sempre submetidos a superfícies pontuais associadas a remates. Ao nível do friso de maior espessura, os girassóis e as rosas silvestres são temas que Korrodi volta a explorar, sempre envolvidos em folhagens e caules ondulantes. O friso mais interior apresenta acantos que se enrolam em torno deste como se fosse uma corda. O eixo longitudinal do tecto é rematado por formas circulares cujo contorno se entrelaça, interligando-se com o friso liso mais interior. O eixo transversal é rematado por losangos de contornos arqueados cujo centro apresenta uma margarida estilizada. O centro do tecto é constituído por uma composição de acantos e flores vistas de perfil, eventualmente margaridas. Todo o trabalho de *boiserie* consiste em molduras rectangulares, trabalho complementado por um rodapé alto que se repetrá nas divisões seguintes.

O escritório apresenta um tecto com motivos fitomórficos (Imagens 13, 14 e 14 A). A composição é desenvolvida a partir de dois eixos que dividem este plano em partes iguais e que apresentam círculos nos seus remates e no centro do tecto. Descortinam-se na sua composição princípios associados à Arte Nova. Ramos de rosas silvestres (tema amplamente explorado por Korrodi), simetricamente posicionados, transcendem os limites do duplo traço circular mas a regularidade desta composição é abalada pela assimetria dos caules que se entrelaçam de modo orgânico e se dobram para passar abaixo da moldura circular e emergir novamente sob a forma de um pequeno botão esférico. O friso mais largo que percorre todo o tecto é composto de rosas silvestres e malmequeres dispostos de modo natural e profuso, fazendo lembrar os tectos neo-georgianos. As paredes integram molduras em madeira pintada de marfim e cantos semi-circulares. Duas portas duplas e almofadadas de ligação à sala anterior e ao quarto dos donos, em madeira pintada de marfim, apresentam uma bandeira. O escritório é iluminado por um vão geminado e, neste sentido, constatamos que cada dependência era iluminada de modo diferenciado e que o desenho dos vãos sofria variações nos dois últimos pisos, passando a ser complementados por uma varanda ou por uma galeria mais extensa, comum à sala. O quarto dos donos é iluminado, no caso do segundo e último pisos, por um vão de sacada simples e por outro também de sacada, porém emoldurado por um arco abatido filiado na estética *Art Nouveau* (Imagens 15 e 15 A).

Imagem 13
Escritório, pormenor do teto do escritório. José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC.

Imagem 14
Tecto do escritório similar a estuques presentes em projectos ingleses. José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC.

Imagem 14 A
Sala de reuniões na Thames House, Stanley Hamp, (July/December 1913).
Academy Architecture and Architectural Review, Vol.44, p.68.

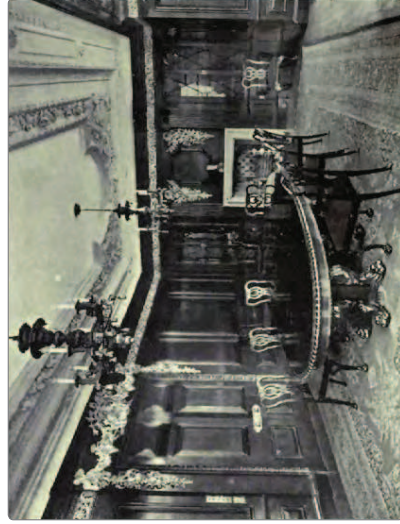


Imagem 15 A
Quarto dos donos.
José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC.



Imagem 15
Quarto dos donos (neste caso, convertido em escritório).
José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC.



Imagem 18
Sala de jantar. José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC.



Imagem 19
Sala de jantar. Charles Plumet et Tony Selmersheim. (Janvier-Juin 1900). Art et Décoration, T. VII, p.20.

Imagem 19 A
Pormenor do trabalho de boiserie ao nível das paredes. José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC.

192

O corredor mais longo permite aceder aos quartos iluminados pelo saguão central, à casa de banho e ao *toilette* da dona da casa. *Toilettes*, diferenciados segundo o género, e quartos interligam-se através de portas simples com bandeira e almofadadas.

O WC comunica com ambas. O corredor (Imagens 16 e 17) que permite o acesso a todas estas dependências de carácter privado, é iluminado pelo saguão central e conduz ao corredor transversal que dá acesso à casa de costura, à sala de jantar, à cozinha e à "dispensa". A pequena divisão que em planta antecedia a costura seria abolida, permitindo a construção de uma saleta maior em comunicação com a sala de jantar.

A semelhança do que verificámos em outros projectos de Korrodi, a sala de jantar (Imagem 18) será uma das dependências mais aprofundadas. A grande janela de sacada pintada de branco, apresenta um duplo arco de volta perfeita e um jogo de vidrinhos de formas hexagonais em azul e amarelo ou octogonais em vidro simples, similares aos da porta do *toilette* do dono, que filtram a luz de Poente, ideal para a hora de jantar.²⁸ Uma relação de intimidade com a paisagem era visível nos interiores ingleses representativos do *Domestic Revival*, mas com a Arte Nova os vãos longitudinais, aos quais se associavam assentos fixos, são substituídos por envidraçados mais vastos, em arco abatido e munidos de vitrais: "lanelas ornadas de vitrais coloridos, apresentam no seu centro seja o símbolo da casa, sejam os retratos históricos ou as paisagens, pássaros e flores,

tar, produzem um efeito de ligação entre a varanda posterior e o jardim localizado nas traseiras do prédio.

29. «Des fenêtres ornées de vitraux de couleur, portant à leur centre soit le chiffre de la maison, soit des portraits historiques ou des paysages, des oiseaux et des fleurs, voire même des armoiries, quand on est en droit d'en porter, produisent bon effet; une tenture en rapport avec le style adopté, artistement jetée, complète l'ornementation de la fenêtre.» Ris-Paquot, 1894, p.197.

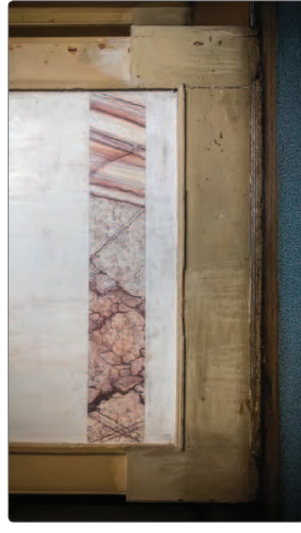


Imagem 16
Vista da principal artéria de distribuição da casa. Sala de jantar ao fundo. José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC.

Imagem 17
Pormenor do revestimento decorativo do corredor. José Vicente, 2014. CML/DMC/DPC.

193

A escolha do mobiliário decorria essencialmente da vontade do cliente, e o facto destas peças terem persistido até à actualidade ajuda-nos a compreender como esta dependência era vivenciada à época.³⁰ Um bufete (Imagem 20) com elementos Arte Nova: contornos curvilíneos das gavetas, apontamentos fitomórficos que marcam as portadas do corpo inferior, pés de recorte ondulante, arcos abatidos que rematam o corpo superior e que apresentam ondeados vazados, linhas entrelaçadas que constituem a base dos balaústres. Estes últimos motivos integram a parte inferior do espaldar das cadeiras que fazem lembrar modelos holandeses barrocos pelos seus suportes dianteiros formados pela justaposição de balaústres, discos e cubos, pela pregaria metálica dos estofos em veludo, pelos remates entalhados (flores e caules, não mais mascarões) dos montantes do encosto. Adjacente à sala de jantar situa-se a cozinha, que também comunica com a varanda posterior (Imagem 21). Sob a chaminé em lioz surge integrada uma bancada no mesmo material que contém um duplo lava-loja, e uma bancada mais baixa para a preparação dos alimentos.

Notas
 30 Um pouco mais tardiamente, mais especificamente em 1933, data em que o pai do actual inquilino, de origem belga, vem morar para Lisboa a fim de trabalhar numa empresa.
 31 Composição n.º 127, Des-1904, mas sem bordadura. Arquivo da Fábrica de Loja de Sacavém.



Conclusão

A organização espacial espelha um esbatimento gradual da divisão entre esfera pública e privada. Porém, mantêm-se as dependências ligadas ao género masculino ou feminino. Não há mais um lugar privado de sociabilidade, como era o *boudoir*, e a sala de jantar aproxima-se da cozinha, tendo sido banida a copa. Os corredores não são mais isolados por portas, o que faz com que pessoal doméstico e família se cruzem embora persista a porta de serviço. O próprio quarto da criada encontra-se ligado ao corredor principal. Estamos perante espaços interiores mais pragmáticos onde o tratamento decorativo continua a contribuir para a identidade de cada dependência. Os projectos de Ernesto Korrodi revelariam uma aplicação prática de conceitos e pressupostos espaciais, correspondente em alguns casos a antecipações da modernidade, na medida em que acompanhavam o contexto internacional.

Imagem 21
 Fogaço da cozinha com cantaria em lioz. José Vicente, 2014. CML/DMC/DFC.



Imagem 20
 Cadeira e bufete de sala de jantar (Mónica Romãozinho).
 A direita: Bufete em noqueira encerade, (1. Setembro 1905).
 A Construção Moderna. Ano VI (n.º 176), p.155.

Notas

- 1** O assunto e a ocasião determinavam o estilo." Rio-Carvalho, 1974, p.251.
- 2** A direcção técnica da revista *A Construção Moderna* era formada pelo engenheiro civil José Maria de Mello de Matos (1856-1915) e pelo arquitecto Rozendo Carvalheira (1863-1919): 3(20 Janeiro 1908); XIV: Congresso internacional de hygiene e demographia." *A Construção Moderna*, Anno VIII (n.º 247), p.148.
- 4** *Ibidem*.
- 5** *Ibidem*.
- 6** (10 Outubro 1906). Regulamento de Salubridade das edificações urbanas. *A Construção Moderna*, Anno VII, (n.º201), p.67.
- 7** *Ibidem*.
- 8** *Ibidem*.
- 9** *Ibidem*, p.72.
- 10** (20 Outubro 1906). "Regulamento de Salubridade das edificações urbanas." *A Construção Moderna*, Anno VII (n.º202), p.72.
- 11** (1 Novembro 1906). "Regulamento de Salubridade das edificações urbanas." *A Construção Moderna*, Anno VII (n.º203), p.82.
- 12** (10 Novembro 1906). "Regulamento de Salubridade das edificações urbanas." *A Construção Moderna*, Anno VII (n.º204), p.91.
- 13** *Ibidem*, p.90.
- 14** *Ibidem*.
- 15** *Ibidem*.
- 16** Roux, 1976, p.233.
- 17** Em 1905, Korrodi foi nomeado director interino da Escola Domingos Sequeira e, em 1906, assumiu a direcção efectiva da escola, cargo que exerceria até 1917. Oliveira, 2005, p.50.
- 18** Em 1898, publicou a obra *Estudos de Reconstrução sobre o Castello de Leiria: Reconstrução graphica de um notável exemplo Polygraphico*, 1898), graças aos quais lhe seria atribuído, sob a proposta do Ministro e Secretário de Estado das Obras Públicas, Comércio e Indústria, o título de "Comendador da Real Ordem do Mérito civil". Oliveira, 2005, p.57.
- 19** Madsen defende que a Arte Nova apareceu em Inglaterra e atribuí-lhe a designação de Proto-Art Nouveau. Madsen, 1967, p.14.
- 20** Raul Lino e Ernesto Korrodi cruzam-se em 1926 no dia em que ser-lhes-ia atribuído o título de arquitecto, na sequência da saída de um decreto de lei (1925) que determinava que ninguém podia usar a designação de arquitecto sem ter o diploma oficial

- de uma das Escolas de Belas-Artes do país. E será Raul Lino, como presidente da Academia das Belas-Artes que elaborará o discurso póstumo quando Korrodi morre, publicado na *Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, N.º 13 (1944).
- 21** Destacam-se outras encomendas para a cidade de Lisboa, designadamente os prédios de rendimento de João Leal e irmãos que ocupam uma frente e gaveto formado pela rua Saraiva de Carvalho e Rua Ferreira Borges e que seriam projectados entre 1902 e 1908.
- 22** Oferecia cantarias de calcário e floz da região de Leiria. Oliveira, 2005, p.50.
- 23** Motivo a que Korrodi recorreu no projecto da Casa de Domingos Gúelro (Faro, 1912). A oliveira era sagrada em Atenas e os ramos de oliveira eram os prémios de vitória nos jogos olímpicos. O ramo de oliveira simboliza a paz. Chevallier; Cheerbrant, 1994, p.486.
- 24** Eleb & Debarre, 1995, p.404.
- 25** Ortigão, Janeiro 1908, p.1.
- 26** Planta do Rés-do-chão, correspondente a uma fase de estudo. S.d. Arquivo Distrital de Leiria.
- 27** O trabalho de campo só foi possível graças à disponibilidade da Dr.ª Raquel Costa (Administração do condomínio do Prédio da Rua Braamcamp) e dos moradores.
- 28** No segundo piso, um passadço estabelece a ligação entre a varanda posterior e o jardim localizado nas traseiras do prédio.
- 29** «Des fenêtres ornées de vitraux de couleur, portant à leur centre soit le chiffre de la maison, soit des portraits historiques ou des paysages, des oiseaux et des fleurs, voire même des armoiries, quand on est en droit d'en porter, produisent bon effet; une tenture en rapport avec le style adopté, artistement jetée, complète l'ornementation de la fenêtre.» Ris-Paquot, 1894, p.197.
- 30** Um pouco mais tardiamente, mais especificamente em 1933, data em que o pai do actual inquilino, de origem belga, vem morar para Lisboa a fim de trabalhar numa empresa.
- 31** Composição n.º 127, Des-1904, mas sem bordadura. Arquivo da Fábrica de Loíça de Sacavém.

Bibliografia

- Chevallier, J. & Cheerbraunt, A. (1994). *Dicionário dos símbolos*. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Teorema.
- Eleb, M. & Debarre, A. (1995). *L'invention de l'habitation moderne: Paris 1880-1914*. Bruxelles: A.A.M.
- Madsen, S. T. (1967). *Art Nouveau*, Trad. por Ângelo de Sousa. Porto: ED. Inova.
- Pereira, A. L. & Pita, J.R. (2011). A hygiene, da hygiene das habitações ao asseio pessoal. In Mattoso, J. (Dir.) & Vaquinhas, I. (Coord.). *História da Vida Privada: A Época Contemporânea*. (92-116). Maia: Circulo de Leitores e Temas e Debates.
- Oliveira, M. G. (2005). *Rota de arquitectura Korrodi: contributo para o conhecimento da vida e obra do arquitecto (1870-1944)*. (44) Tese de Mestrado, Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, Portugal.
- Ortigão, R. (1908). Prefácio. *Archiectura Portuguesa*. Ano I, (5), 1-2. (10 Outubro 1906). Regulamento de Salubridade das edificações urbanas. *A Construção Moderna*, Anno VII (201), 66-67.
- (20 Outubro 1906). Regulamento de Salubridade das edificações urbanas. *A Construção Moderna*, Anno VII (202), 74.
- (1 Novembro 1906). Regulamento de Salubridade das edificações urbanas. *A Construção Moderna*, Anno VII (203), 82-83.
- (10 Novembro 1906). "Regulamento de Salubridade das edificações urbanas." *A Construção Moderna*, Anno VII (204), 90-91.
- Rio-Carvalho, M. (1974). A Arte Nova, Modernidade domesticada, sentimentalidade projectada. In *Estética do Romantismo em Portugal: Actas do Colóquio*. (247-251). Lisboa: Grémio Literário.
- Ris-Paquot. (1894). *L'Art de bâtir, meubler et entretenir sa maison ou manière de surveiller et d'être soi-même*. (197). 4^{ème} ed. Paris: Henri Laurens, Éditeur.
- Roux, S. (1976). *La maison dans l'histoire*. Paris : Editions Albin Michel.
- (20 Janeiro 1908). XIV.º Congresso internacional de hygiene e demographia." *A Construção Moderna*, Anno VIII (247), p.148.

A direcção da revista russia. estudos de Lisboa agradece a Raquel Costa, Rudolfo Aberlé, Fernanda Furstie e Manuel Sanches a gentileza em terem permitido o levantamento fotográfico do edificio.